

## **Oiapoque – “Aqui começa o Brasil”: as interações na área de fronteira e as implicações da construção da ponte binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa.**

José Alberto Tostes; Av. Tupiniquins, 756, Macapá - AP.  
E-mail: [tostes.j@unifap.br](mailto:tostes.j@unifap.br)

Oscarito Antunes do Nascimento; Rua Santa Catarina, 955, Macapá - AP.  
E-mail: [oscarito@unifap.br](mailto:oscarito@unifap.br)

Eliana do Socorro de Brito Paixão; Av. José de Anchieta, 517, Macapá - AP.  
E-mail: [elianapaixao@unifap.br](mailto:elianapaixao@unifap.br)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar a configuração urbana de Oiapoque, discutindo as interações na área de fronteira e as implicações da ponte binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa, considerando as implicações decorrentes da trajetória histórica de ocupação da fronteira norte. Oiapoque integra a Faixa de Fronteira Setentrional e desenvolve com Saint George, uma dinâmica articulada e peculiar. A pesquisa baseou-se no método histórico - dialético, para compreender as circunstâncias atuais urbanas e as principais contradições que cruzam os paradigmas em torno da concepção cotidiana que permeiam as relações transfronteiriças na região em estudo. Os resultados apontaram que a gestão municipal tem sido passiva, as ações são fragmentadas e sem planejamento; não há política definida sobre a relação Brasil (Amapá)/França (Guiana Francesa), especialmente no que concerne ao trânsito de pessoas após a construção da ponte.

Palavras-chave: gestão urbana; planejamento; dinâmica de fronteira.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es analizar la configuración urbana de Oiapoque, discutiendo las interacciones en el área de frontera y las implicaciones del puente binacional entre el Amapá y la Guiana Francesa, considerando las implicaciones decorrentes de la trayectoria histórica de ocupación de la frontera norte. Oiapoque integra una Faja de Frontera Septentrional y desenvuelve con Saint George, una dinámica articulada y peculiar. La investigación tiene como base en el método histórico – dialéctico, para comprender las circunstancias actuales urbanas y las principales contradicciones que cruzan los paradigmas en torno de la concepción cotidiana que permean las relaciones transfronterizas en la región en estudio. Los resultados apuntan que la gestión municipal ha sido pasiva, las acciones son fragmentadas y sin planeamiento; no hay política definida sobre la relación Brasil (Amapá)/Francia (Guiana Francesa), especialmente en lo que concierne al tránsito de personas después de la construcción del puente.

Palabras llave: gestión urbana; planeamiento; dinámica de frontera.

## 1. Introdução

Este trabalho integra estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Urbanismo na Amazônia e tem por objetivo analisar a configuração urbana de Oiapoque, discutindo as interações na área de fronteira e as implicações da ponte binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa, considerando as implicações decorrentes da trajetória histórica de ocupação da fronteira norte.

O município de Oiapoque, conta com uma população de 19.181 habitantes (IBGE, 2007), desses, grande parte habita o núcleo urbano, que abrange uma área restrita de aproximadamente 3,5 km<sup>2</sup> dos 22.625 Km<sup>2</sup> (IBGE, 2007) atribuídos ao município. Essas características lhe conferem a condição de pequena cidade (OLIVEIRA, 2004), distante cerca de 600 km de Macapá, capital do Estado do Amapá. O referido município integra a Faixa de Fronteira Setentrional (BRASIL, 2005b), estando sua área urbana às margens do Rio Oiapoque, que demarca a fronteira com a Guiana Francesa, formando com Saint George - pequeno vilarejo francês de forte presença militar, uma zona de fronteira estagnada com visíveis peculiaridades.

Tal realidade urbana está estreitamente vinculada às perspectivas dos projetos estruturantes como a pavimentação da BR 156, que corta o estado do Amapá, de sul a norte, constituindo-se no principal eixo de integração e desenvolvimento regional naquela região. A estrada possui atualmente mais de 50% de asfaltamento, faltando cerca de 200 km a ser concluído. Outro projeto que se avizinha é a construção da ponte binacional que conectará o Amapá à Guiana Francesa, cujos impactos sócio-espaciais começam a se manifestar.

A análise da pesquisa baseou-se no método histórico - dialético, onde se vislumbrou compreender as circunstâncias atuais urbanas do município em tela e as principais contradições que cruzam os paradigmas em torno da concepção cotidiana que permeiam as relações transfronteiriças estabelecidas na região em estudo. Como procedimento metodológico utilizou-se a coleta de dados em documentos oficiais e no contexto urbano junto à comunidade local.

Dentre os resultados obtidos, constatou-se que a gestão municipal em Oiapoque tem sido passiva, atribuindo a responsabilidade pelo desenvolvimento local às esferas superiores, dedicando-se apenas de ações mais imediatas; que a administração municipal por si só, não tem capacidade ou visão para se planejar, dessa forma a improvisação é inelutável; a condescendência na cidade do estado legal com a ilegalidade é outra questão que merece atenção, a exemplo da clandestinidade dos garimpos e da prostituição; a economia de Oiapoque passa por um momento de crise, suscitada por fatores engendrados no lado francês, o que demonstra a vulnerabilidade da economia local diante do país vizinho.

Este artigo compõe-se da configuração urbana de Oiapoque; experiências de planejamento; e, dinâmicas da fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa. Instigado pela reflexão de que as pequenas cidades constituem produto das ações de agentes naturais ou de políticas públicas do Estado, apresenta a seguinte questão orientadora: como o processo de configuração urbana tem formado a paisagem urbana de Oiapoque, diante da posição em área de fronteira e dos projetos estruturantes BR 156 e Ponte Binacional?

## 2. Configuração Urbana: A Cidade de Oiapoque - “Aqui começa o Brasil”

O traçado urbanístico da cidade, em xadrez, mantém certa disciplina de ocupação, mas a característica geral das edificações desprovida de valores estéticos, aliados à falta de infraestrutura, confere à paisagem, uma visão caótica. Contraditoriamente, a paisagem natural do entorno, com uma topografia fortemente ondulada e floresta ainda virgem, estabelece o contraponto com a paisagem urbana. Indica, sobretudo, que a condição urbanística da cidade pode ser revertida, embora grande parte das terras do município tenha sido destinada ao

parque nacional Montanhas do Tumucumaque e Cabo Orange, até então de “costas” para a cidade (TOSTES, 2008), e a populações indígenas Uaçá, Galibí e Juminã. Trata-se, portanto, de uma pequena paisagem urbana se comparada à área de domínio do patrimônio urbano delimitada oficialmente.

É uma cidade-marco e como tal, possui a sua frase símbolo: “aqui começa o Brasil” (**Figura 1**), situada à margem direita do rio homônimo, balizando a fronteira norte do Brasil com a Guiana Francesa - um departamento ultramarino francês encravado no continente sulamericano (TOSTES, 2008). Além dessa frase, o chavão “do Oiapoque ao Chauí”, reforça a idéia de fronteira e dos contornos da nação, remetendo o nome dessa pequena cidade amazônica ao cenário nacional. Pouco se conhece sobre sua paisagem urbana. Pode-se dizer que a cidade é um modelo híbrido de inserção regional, associado tanto ao rio quanto à rodovia. Com dinamicidade peculiar, decorrente especialmente do comércio, contrasta com a inércia característica da maioria das outras cidades regionais de porte semelhante.



**Figura 1** – Orla da cidade de Oiapoque<sup>1</sup>. Fonte: Acervo do Plano Diretor (2005).

Estão presentes no núcleo urbano elementos definidos por Cullen (1983) que são característicos para avaliar a dinâmica de uma cidade com as peculiaridades de Oiapoque, à revelia dos inconvenientes provocados pelo próprio estado de interação entre os distintos elementos que compõem a paisagem urbana. Isso reforça as idéias de que o espaço urbano é reproduzido pela história e a formação cultural do lugar (LANDIM, 2004). O Rio Oiapoque, é determinante para o movimento da cidade, que até poucos anos era frenético e ao mesmo tempo caótico.

Servindo ainda hoje como ponto de passagem de garimpeiros e clandestinos para a Guiana Francesa, Oiapoque adquiriu o estigma de cidade libertina e com muitas atividades ilegais. Os movimentos pendulares de brasileiros para Caiena e de guianenses para o Amapá, remontam à década de sessenta. Os brasileiros – na sua maioria originários do Maranhão, Pará e Amapá – cotidianamente se dirigem à Guiana Francesa em busca de trabalho e na esperança de conseguir uma renda melhor, numa moeda mais forte, antes o franco agora o euro. Muitos desses migrantes passam meses na cidade. Alguns conseguem a passagem ou seguem outro destino, enquanto que outros permanecem na cidade e passam a assimilar a identidade do lugar (SILVA, 2005). Por seu lado, os franceses chegam a Oiapoque em busca de diversão e mercadorias, cujos preços são favorecidos pelo câmbio.

São inúmeros os problemas do município, principalmente, oriundos de dificuldades estruturais da prefeitura local. Um dos mais graves é a incipiente arrecadação própria do

<sup>1</sup> Local onde os catraieiros aportam para embarque e desembarque de passageiros até a cidade de Saint George na Guiana Francesa.

município. Este valor era de aproximadamente oito mil reais até o início da gestão atual, após cinco meses, a arrecadação avançou para cerca de 40 a 50 mil reais, parece pouco, mas significativo, para o reduzido tempo de gestão. Constata-se também, a imensa fragilidade no quesito infra-estrutura urbana. Há problemas de abastecimento de água; as condições de esgoto são precárias; ligações de águas servidas são lançadas para a via pública, além de não existir nenhum registro, controle e monitoramento no município sobre o lixo e os resíduos sólidos.

Na realidade, Oiapoque é apenas a ponta de um grande problema ambiental existente em todo o estado. Quase todos os municípios apresentam esta característica, de não ter a definição adequada para o destino final do lixo, provocando profundos danos ao meio ambiente. As observações técnicas na cidade de Oiapoque apontaram também para outro problema, as ocupações das áreas de risco (áreas de ressacas), em circunstâncias adversas e sem a preocupação de que muitas delas funcionam como bacias de acumulação de águas naturais.

Como estrutura antropizada contém elementos sócio-culturais repletos de funções e significações que interagem numa relação dialética. Assim sendo, a cidade e sua paisagem não se apresentam apenas por seus aspectos formais e construídos, tais como praças, casas, jardins e avenidas, dentre outros. A cidade é fruto de um contexto social e caracteriza-se também pelas relações de uso e apropriação dos espaços construídos, estabelecidos pelos usuários desse cenário urbano (LANDIM, 2004, p.29).

### **3. Experiências de Planejamento Urbano**

A realidade urbana de Oiapoque é indicadora da ausência de planejamento urbano e de políticas públicas consistentes e duradouras. Mas algumas experiências têm sido colocadas à disposição da gestão municipal, embora ainda não haja indícios de resultados concretos.

A primeira experiência foi delineada na década de 1979, pela H. J. COLE & Associados-1979 - empresa contratada pelo então governo do Território Federal do Amapá com objetivo de realizar estudos visando desenvolver os municípios de Mazagão, Amapá, Calçoene, Macapá e Oiapoque. A empresa tinha também como atribuição, elaborar um instrumento básico de planejamento que fosse capaz de expressar clara e integralmente as políticas, objetivos e ações para preparar o futuro dessas pequenas cidades do território, bem como, dos núcleos espontâneos e artificiais que haviam se formados (TOSTES, 2006).

A proposta previa dois níveis distintos: um estrutural, considerando as mudanças ao longo do tempo e a evolução das políticas influentes; outro, associado à técnica, desdobrando-se em projetos e proposições específicas para execução no curto prazo. Segundo Tostes (2006) os municípios contemplados no plano não absorveram as propostas da HJ COLE. Pressupõem-se duas razões: 1) A responsabilidade de execução do plano competia ao Governo Federal; 2) Não há registros nas prefeituras envolvidas de que em algum momento utilizou-se esse instrumento como suporte para alguma ação pública local.

Em 1988, por iniciativa do mesmo Governo, contratou-se o Instituto Brasileiro de Administração Municipal para elaborar o Plano de Desenvolvimento Urbanístico de Oiapoque (PDUO). Àquela época, o referido plano afirmava que, das cidades do interior, Oiapoque era a que apresentava maior vitalidade e diversidade econômica, e descrevia a paisagem urbana da cidade como sendo intrigante e ao mesmo tempo rica culturalmente. Após vinte anos dessa descrição, constata-se que o PDUO foi uma proposta de intervenção sem aplicabilidade prática, tendo em vista que Oiapoque acumula ao longo do tempo sérios problemas sócio-espaciais urbanos. A despeito disso, a descrição da paisagem urbana da época, contida no plano, é um legado importante que hoje serve de referência.

Passados 17 anos, em 2005, foi iniciada a elaboração do Plano Diretor Participativo (PDP) do município, desta vez, contratado pela prefeitura de Oiapoque. Todavia, não houve incorporação, pela gestão municipal da época, de que se tratava de um instrumento a favor da cidade e da sociedade. Em maio de 2006 as atividades foram paralisadas em razão de que a Prefeitura rompeu a parceria firmada com a Universidade Federal do Amapá, o que ocasionou descontentamento de todas as organizações na cidade de Oiapoque (TOSTES, 2006).

Em maio de 2009 com a mudança de gestor municipal, o PDP foi retomado, simbolizando um novo momento para Oiapoque. A previsão de conclusão está para dezembro desse ano, a audiência pública prevista para o mês de janeiro de 2010 e a submissão à Câmara de Vereadores, também em fevereiro de 2010. A gestão municipal atual vem demonstrando grande interesse em organizar e planejar de forma efetiva a re-construção do município, envolvendo a participação de diversas instituições públicas e privadas. Com o ingresso de novos parceiros, a universidade redimensionou a participação de Oiapoque no projeto de elaboração de planos para a Faixa de Fronteira Setentrional com o apoio da Agência de Desenvolvimento do Estado do Amapá (ADAP), no qual o PDP foi inserido.

O PDP tem como objetivo principal definir a função social da cidade e da propriedade (BRASIL, 2005a), através de diretrizes e instrumentos que se aplicados democraticamente, proporcionarão conseqüências benéficas para a “cidade que queremos” a partir do conhecimento da “cidade que temos”. Entretanto, o PDP, mesmo tendo como diferencial o seu caráter participativo, encontra inúmeras dificuldades para sua implementação. A principal é o fato de que o ambiente urbano construído é um reflexo das relações sociais, sendo, portanto, objeto e ao mesmo tempo agente dessa dinâmica sócio-cultural, que tem na urbanização o seu pano de fundo. Essa relação dialética permeia uma sociedade radicalmente desigual e autoritária, baseada em relações de privilégio com arbitrariedade (MARICATO, 2001), o que torna quase impossível a produção do espaço urbano, da forma como é preconizado pela nova política urbana brasileira.

Políticas autoritárias e dissonantes entre projetos elaborados nas esferas federal, estadual e municipal, são expressivas em Oiapoque. Um exemplo recente refere-se ao projeto Beira-rio (**Figura 2**) que está sendo executado pelo Governo do Estado do Amapá na orla da cidade sem ter sido discutido com a sociedade local.



**Figura 2** – Projeto da Orla da cidade de Oiapoque. Fonte: Governo do Estado do Amapá

Este projeto se propõe a cumprir as funções que hoje são exercidas pela única praça existente na cidade, alterando a configuração atual da cidade em relação principalmente à margem do Rio Oiapoque, a despeito das resistências por parte da população mais pobre que mora nas áreas de invasão próximas a orla. A diretriz da Garantia do direito a cidades sustentáveis (BRASIL, 2005a) abarca todo o universo do ambiente urbano, e não apenas uma franja, como a orla, a fim de que a cidade cumpra o princípio da função social, preconizando,

dentre outras coisas, o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental e à infraestrutura urbana.

#### **4. Dinâmica da Fronteira – Interações e Perspectiva de Desenvolvimento Urbano Regional**

De acordo com o Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira, do Ministério da Integração Nacional, o município de Oiapoque faz parte da sub-região Oiapoque-Tumucumaque, situada a noroeste do Arco Norte da faixa de fronteira. A cidade de Oiapoque está situada no limite fronteiro com Saint-George e ambos desenvolvem interações que se intensificaram ao longo do tempo e tendem a aumentar com a pavimentação da BR-156 e a construção da ponte binacional. Na esfera local já se insinuam novas dinâmicas passíveis de serem analisadas através de fenômenos que começam a ocorrer não apenas na Zona de Fronteira, mas também no eixo Cayena e Macapá (CASTRO; PORTO, 2006).

Do ponto de vista geográfico, a Zona de Fronteira é formada pelas faixas territoriais de cada lado do limite internacional. Os adensamentos populacionais são cortados pela linha de fronteira, seja esta seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infra-estrutura que apresentam grande potencial de integração econômica e cultural, assim como manifestações condensadas dos problemas característicos das fronteiras, que aí adquirem maior diversidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania (BRASIL, 2005b).

Embora se estabeleçam interesses que interagem nas diferentes escalas (local, regional e internacional), o acordo para a construção da ponte binacional, cuja intenção remonta mais de vinte anos, não contém no seu bojo, nenhuma preocupação em nível da Zona de Fronteira formada pelas cidades-gêmeas (Oiapoque – Saint George). Na escala internacional, a ponte faz parte do processo de integração da América do Sul. Na escala regional, os interesses dizem respeito à integração da Amazônia, principalmente do Estado do Amapá, onde a ligação rodoviária com a Guiana Francesa é vista como alternativa para escapar do isolamento.

As interações da Zona de Fronteira tendem a intensificar com a construção da ponte, aumentando assim os problemas já existentes como ocupação desordenada, intenso fluxo migratório, ampliação dos bolsões de pobreza, precárias condições de saneamento, dentre outros. A implementação de Políticas Públicas preventivas voltadas para a escala local é de extrema importância no intuito de “(...) mitigar esses problemas, avaliando-se os impactos nas diversas escalas e criando estratégias que conduzam ao Desenvolvimento Sustentável” (CASTRO; PORTO, 2006).

Um dos aspectos inquietantes reside no provável isolamento físico do núcleo urbano de Oiapoque, uma vez que a ponte será construída há 13 Km de tal núcleo. Contudo, há se pensar que a cidade está crescendo justamente no sentido da rodovia e que futuramente esse “isolamento” estará descaracterizado em função do surgimento de uma “nova cidade”, sob a influência da rodovia, cuja conclusão da pavimentação asfáltica está prevista para este ano e o da ponte binacional que está com início das obras previstas também para este ano. Esse seria um fato urbano normal de inserção regional, se essa infra-estrutura não tivesse uma dimensão transnacional, vinculada inclusive à Iniciativa para a Integração da Infra-estrutura da América do Sul (IIRSA), em cujo plano de ação não vislumbra qualquer referência ao desenvolvimento urbano na escala local.

Tanto Oiapoque como Saint-George, move-se pela dinâmica da fronteira induzida pela força de trabalho, por relações comerciais envolvendo produtos, serviços e terra. Esses movimentos geralmente estão sujeitos a instabilidades que emanam dos efeitos das políticas nacionais, portanto, a neutralização depende dos seus níveis de atuação. Os limites nessa Zona de Fronteira não são apenas físicos, mas também impostos pelas políticas governamentais. Por outro lado as assimetrias geram fluxos de pessoas para os dois lados da

fronteira com “desvantagem” para os brasileiros, atraídos pela moeda forte (Euro) e pelo avançado sistema social do Estado francês.

Ultimamente a economia de Oiapoque vive um momento de crise, motivada por fatores gerados no lado francês, o que demonstra a vulnerabilidade da economia local diante do país vizinho. A intensificação da repressão policial aduaneira à entrada dos produtos brasileiros naquele departamento francês induziu o enfraquecimento do comércio local. A superação desses entraves depende de mudanças na política macroeconômica e de políticas governamentais adequadas às faixas de fronteira, além do avanço das negociações bilaterais com a França, da valorização do município como ente federativo, bem como da construção de processos democráticos no Oiapoque, que possibilite a superação das debilidades institucionais e locais. Portanto, somente a articulação de ações de curto, médio e longo prazo envolvendo a sociedade local e os três níveis de governo, será capaz de apontar soluções consistentes para a dinamização da economia e a superação dos enormes gargalos sociais.

Nesse contexto vale salientar que, a ausência de um Marco Regulatório de Fronteira e de instrumento de controle do fluxo de estrangeiros implica, na maioria das vezes, o desenvolvimento de atividades ilegais. De acordo com dados da Polícia Federal, o fluxo da entrada de estrangeiros (especialmente guianenses e franceses) na cidade de Oiapoque, foi de cerca de quatro mil em 2007; sete mil em 2008; e dois mil e quatrocentos em 2009, até a primeira quinzena do mês de maio deste ano. Estes registros são de pessoas que tem o passaporte carimbado. Não estão inclusas as pessoas que ingressam sem solicitar registro.

Outro fator a considerar está relacionado ao desenvolvimento endógeno e sua vinculação à globalização, na medida em que uma de suas funções é a interligação de organizações sociais geograficamente distantes, independentemente de suas magnitudes. Esse fato representa uma grande vantagem, considerando a reciprocidade que as redes de interações podem proporcionar à escala local. Da mesma forma que acontecimentos globais podem interferir regionalmente, ações e protagonismos locais podem ter ressonância em escala mundial. Atualmente, em meio às mudanças provocadas em grande escala pela globalização dos mercados, a relação que o local estabelece com o global é redefinida, sendo que as áreas de fronteira possuem um papel particular nestas interações (SILVA; CONTE 2006).

## **5. Considerações finais**

Oiapoque por integrar a fronteira, produz a consciência de que a responsabilidade pelo desenvolvimento local é das esferas superiores (federal e estadual), ficando para a administração municipal, apenas os problemas cotidianos mais imediatos. Essa consciência localista da população encontra guarida na fragilidade institucional da municipalidade e na estreita visão política e administrativa dos gestores, que vislumbram apenas os recursos oficiais, “esquecendo” de protagonizarem juntamente com a população, ações e planos estratégicos que transformem em desenvolvimento os potenciais do município. Esse é um dos principais gargalos a ser superado, pois sem o planejamento não há como obter ou gerar recursos e aplicá-los adequadamente e de forma consistente, no sentido de reduzir assimetrias para consolidar, de fato, o slogan “Aqui começa o Brasil”, em contraposição às pressões por soluções imediatistas.

A condescendência na cidade do estado legal com a ilegalidade, a exemplo da clandestinidade dos garimpos e da prostituição, entre outras dificuldades sociais, merece atenção por parte do poder público. De acordo com estudos realizados pela Universidade Federal do Amapá na cidade de Oiapoque cerca de 40% a 60% da economia provém da atividade da prostituição. A dinâmica e sua configuração estão diretamente relacionadas à presença de guianenses e franceses que buscam satisfação neste tipo de comércio ilegal, ancorado em pousadas, hotéis, casas de repouso, hospedarias, restaurantes, bares, lanchonetes, dentre outros.

Em relação à construção da ponte binacional, as incertezas são ainda contundentes, tendo em vista que até o presente momento, nenhuma política bilateral entre Brasil (Amapá) e a França (Guiana Francesa) foi delineada, especialmente no que concerne ao trânsito de pessoas. Se não forem protagonizadas ações do governo local em consonância com outras escalas, para aproveitar vantagens que essa infra-estrutura poderá proporcionar, a construção da ponte poderá representar pouco ou quase nada para a cidade de Oiapoque, que corre o risco de continuar sendo mero ponto de passagem não só de clandestinos, mas do fluxo de desenvolvimento, que interligará os centros maiores.

## Referências

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Estatuto da Cidade**: guia para implementação pelos municípios e cidadãos: Lei n. 10.275, de julho de 2001. 3. ed. Brasília: Coordenação de Publicações, 2005a, 273p.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Brasília, 2005b. Disponível em <http://www.integração.gov.br/publicações>.

CASTRO, Maria Luiza; PORTO, Jadson. **Ponte Brasil Guiana Francesa**: os paradoxos da integração no contexto multi-escalar. Macapá, 2006.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa/Portugal: Edições 70 Ltda, 1983.

IBGE. **Contagem Populacional 2007**. Disponível em [www.ibge.gov.br/cidades](http://www.ibge.gov.br/cidades), acessado em 05.06.2009.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana**: as cidades do interior paulista. São Paulo: Unesco, 2004.

SILVA, Gutenberg; CONTE, Maria Irene. **Análises sócio-espaciais de uma cidade de fronteira**: o caso de Oiapoque / Estado do Amapá. Anais do 1º simpósio nacional o rural e o urbano no Brasil (SINARUB), São Paulo, 2006.

SILVA, José Maria da. **A cidade de Oiapoque e as relações transacionais na fronteira Amapá-Guiana Francesa**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2005. História revista do Amapá.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades**: as alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, José Aldemir de. A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia Brasileira. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 16, 17 e 18, 2004, Coimbra. **Anais**. Coimbra – Portugal: 2004. 10 p.

TOSTES, J. A. **Planos Diretores do Estado do Amapá**: Uma contribuição para o Desenvolvimento Regional. Série Arquitetura e Urbanismo na Amazônia. Editor: TOSTES, J. A. Macapá-AP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Do Norte ao Sul do estado do Amapá**: a Configuração Urbana entre Quatro Pequenas Cidades. Anais do IV Encontro Nacional da ANPPAS. Brasília, 2008.